

GREGORIO DUVIVIER

Ligue os pontos

poemas de amor e big bang



Copyright © 2013 by Gregorio Duvivier

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Thiago Lacaz

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Adriana Bairrada

Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Duvivier, Gregorio

Ligue os pontos : poemas de amor e big bang /
Gregorio Duvivier. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia
das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2364-3

1. Poesia brasileira 1. Título.

13-10970

CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

CARTOGRAFIA AFETIVA

- na rua mena barreto passa uma avó, 13*
a avenida niemeyer, 15
alguns lugares pertencem a tempos, 17
a urca tem medo de assalto e dá, 19
o bairro de botafogo, 21
o mês de agosto parece o bairro, 23
há pedras que se escondem sob a selva, 25
posto nove e meio, 27
o mês de fevereiro no rio, 29
difícil ser feliz nas festas de santa, 31
durante o mês de outubro sobre, 33
a baía de guanabara é uma sopa de óleo, 35
é sempre bom manter acesa a luz, 37
geração bug do milênio, 39

APRENDER A GOSTAR MUITO

- querer tudo é não querer, 43*
se o leite desnatado por acaso caísse, 45
ô abre-alas meu amor que eu quero passar, 47
deixa passar a noite
.., 49
..., 51
..., 53

num dia ensolarado, eu disse, 55
ligue os pontos, 57
são azuis, eu disse, e você disse que, 59
se eu fosse um faraó do egito antigo, 61
você é a última dos moicanos no pacote, 63
quando ela surgiu na minha janela, 65
quando um carro se despede e dá a partida, 67
no dia seguinte ao big bang, 69
gênesis II, 71
quando se perde um braço ou uma perna, 73
não para não para não para não, 75
muito prazer que bons ventos o trazem, 77
antes de eu nascer o mundo era uma foto desbotada, 79
felizes são as pessoas na foto, 81

AGRADECIMENTOS, 83

NOTA DO EDITOR, 85

CARTOGRAFIA AFETIVA

na rua mena barreto passa uma avó
que nunca teve netos por um feirante
que não se casou e dá olá de longe
para um apontador do jogo do bicho
que perdeu a mãe de trombose e todos
seguem carregando suas tristezas
dentro de sacolas de plástico.

a avenida niemeyer
se esgueira
na beira do abismo atlântico
como o chile se espreme
entre o mar e a américa
do sul, macerrima (qualquer dia
desses pode ser que ela
afunde, sempre à mercê
das montanhas
e dos acidentes de carro às quatro
da manhã), outro dia mesmo,
disseram-me, um ford ka
descendo o vidigal
tropeçou
na mureta e decolou
em direção ao atlântico,
mergulhando
de barriga
no oceano
como
um
martim-pescador
obeso.

alguns lugares pertencem a tempos
específicos e jazem enclausurados
numa data como certos becos
de copacabana que moram em 1993
eternamente e de onde se pode ligar
de orelhões com fichas e comprar
revistinhas do cascão por cinco mil cruzeiros.

a urca tem medo de assalto e dá
duas voltas na fechadura, mesmo
de dia — os dias são sempre solares,
na urca, mesmo quando chove
e não se pode correr no forte,
não tem favelas por perto, na urca,
só muitas avós e militares e filhas
de militares que nunca se casaram
e têm medo de assalto, na urca,
embora quase não tenha assalto,
na urca, afinal de contas é sempre
domingo, na urca, é sempre dia
de passar o dia na frente da casa
do roberto carlos, na urca, onde
você pode ter certeza de que não
vai ser assaltado, talvez o único
lugar no rio, diz uma filha de militar
que nunca foi assaltada, na urca.

o bairro de botafogo
se fosse um senhor
usaria óculos fundo
de garrafa e daria
bom-dia aos pássaros
cantores que já não
moram na varanda.

o mês de agosto parece o bairro
de são conrado: é difícil atravessá-lo
às vezes demora meses sobretudo
quando chove mas é inevitável
passar por ele — é inevitável

há pedras que se escondem sob a selva
cerrada — tímidas; há pedras que cobrem
suas vergonhas com neve, mesmo no verão;
há pedras, urbanas, que põem prédios sobre
as suas espáduas, protegendo-as do olhar alheio;
as quatro grandes pedras do rio (góvea, corcovado,
os morros da urca e os dois irmãos) na verdade são seis
ossos de granito e gnaisse que emergiram de uma deusa
subterrânea da qual só nos é permitido adorar as omoplatas.

posto nove e meio

açaí açaí — você conhece o waldo — olha o mate — waldo que waldo — é o melhor musse do rio de janeiro — agora joga um spray nas minhas costas — conheço um waldo que morreu — meu musse é o melhor — o waldo não morreu quem morreu foi o walter — foi o waldo — empada praiana — foi o walter — sabe que — açaí — no fundo — açaí — eu acho que o nome dele era — olha — waldo mesmo — o mate — porra tu — guaraplus — tacou spray — guaraplus — no meu olho — o waldo — mate — ele mesmo — então, morreu — olha o mate — para morrer, meu amigo — mate — basta estar vivo.